

Cantando com o corpo

JOÃO PEDRO VIVEIROS, RAFAEL GONÇALVES E VANESSA AMARAL



orreria do dia-a-dia, cidade grande, poluição sonora. Ficamos muito atentos aos sons externos, prestamos atenção nos barulhos à nossa volta. E o nosso próprio corpo? Ele não produz som? A cada gesto que fazemos, até mesmo quando respiramos, emitimos sons que, na maior parte das vezes, não são percebidos por nós mesmos. O caminhar, um estalar de dedos, a batida do coração, um suspiro. Pode não parecer, mas somos seres essencialmente sonoros.

O corpo pode ser considerado o nosso primeiro instrumento musical, através do qual experimentamos, desde a infância, ritmos e timbres. Brincamos com a nossa voz, testamos melodias com assobios, batucamos com as mãos no próprio corpo e criamos diversas sonoridades diferentes a partir destas brincadeiras.

Segundo historiadores, a música teve origem no corpo humano em movimento. Fazendo uso dos únicos instrumentos disponíveis em um passado remoto – as próprias mãos, pés e vozes – nossos antepassados adquiriram o senso rítmico necessário para criar as primeiras composições musicais da humanidade.

Agora, ao mesmo tempo em que supercomputadores programam o novo sucesso das pistas de dança, artistas como Stomp, Bobby McFerrin, Keith



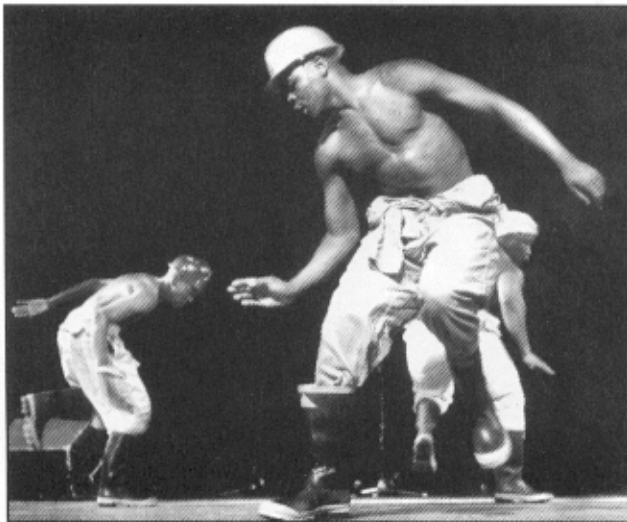
Uma possibilidade sonora do corpo, que não pode ser ignorada, é o seu fantástico potencial para ser usado como instrumento de percussão.

Terry, Barbatuques e muitos outros, das mais diferentes partes do mundo, parecem estar empenhados em redefinir o potencial musical do corpo humano.

Estes talentosos músicos utilizam um arsenal ilimitado de possibilidades sonoras produzidas por seus órgãos constitutivos: assovios, estalidos com a língua, sons com os lábios, o som da inspiração e da expiração, palmas, o estalar dos dedos, o andar, o bater com os pés no chão e o que mais o leitor for capaz de imaginar.

Bobby McFerrin é provavelmente o nome mais conhecido entre os praticantes desta modalidade musical. ganhador de dez prêmios Grammy, ficou famoso mundialmente com a canção *Don't Worry, Be Happy*. McFerrin manteve uma carreira de sucesso enquanto continuou a explorar e a desafiar a si mesmo em diversos estilos e formas. Em 1995, ele inovou ao lançar seu primeiro álbum de música clássica. Intitulado *Paper Music*, o trabalho apresenta McFerrin conduzindo e cantando obras de Mozart, Bach, Stravinsky e Tchaikovsky. Seu projeto mais recente chama-se *Voicestra*, uma orquestra, regida por ele, composta por 12 vozes que substituem os instrumentos de uma verdadeira orquestra sinfônica. A semelhança da sonoridade é espantosa.

Já o Barbatuques, grupo de São Paulo, se propõe a pesquisar os sons corporais através do resgate dos momentos infantis, para chegar a novas descobertas.



Após o fim do apartheid a dança gumboot pôde sair da sombra e brilhar nos palcos

tas. Na ativa desde 1996, o Barbatuques, foi fundado e é dirigido por Fernando Barboza, o "Barba". O grupo de percussão corporal desenvolve um trabalho musical, através da exploração de palmas, estalos, batidas no peito, sapateados e efeitos de voz, entre vários outros sons que são encadeados na produção de ritmos e melodias.

"Minha primeira descoberta, ainda na adolescência, foi a de que o corpo era um brinquedo sonoro. Quando andava a pé gostava de me entregar a devaneios musicais, imaginando melodias e cadenciando os passos no ritmo. Sem perceber, as mãos, pra acompanhar, já iam buscando algum batuque, misturando sons de batidas no peito, palmas e estalos. Claro que a brincadeira já vinha desde batuques na cozinha, no chuveiro e nos delírios sonoros infantis, mas agora o brinquedo era novo", conta Fernando "Barba".

Composto por 14 integrantes, o Barbatuques lançou o primeiro CD em julho de 2002. *Corpo do Som* é resultado de anos de experimentação e estudo em busca da ampliação das possibilidades de expressão musical por meio do corpo.

Uma possibilidade sonora do corpo, que não pode ser ignorada, é o seu fantástico potencial para ser

usado como instrumento de percussão. Até nisto a voz pode ser explorada, como é feito no recurso do *beat box* (caixa de batidas), bastante difundido no universo do *hip hop*. O *beat box* é um artifício através do qual a pessoa imita com a boca a batida eletrônica utilizada como base rítmica da música *rap*. Uma das percussionistas vocais mais conceituadas, a norte-americana Elaine Chao, é reconhecida pelos seus solos insólitos como *beatboxer*.

Existem também artistas performáticos de vanguarda que exploram seus corpos como objetos de percussão. Os principais expoentes são o internacionalmente conhecido Stomp, Keith Terry (EUA) e os Gumboot Dancers – sul-africanos que realizam a dança sonora denominada de *gumboot* (bota de borracha).

O Stomp é uma companhia que mescla música e dança, utilizando apenas objetos do cotidiano, de forma nada convencional, para gerar música. Lançado na segunda metade da década passada, o espetáculo, que permanece em cartaz na

Broadway, obteve um êxito comercial tão surpreendente que foi preciso criar dois grupos de artistas para representar a corporação Stomp. Um para atuar nos EUA e outro para excursionar pelo mundo.

Keith Terry é um percussionista que se autodefine como um músico do corpo. Contudo, como ocorre com o Stomp, seu trabalho não se restringe à música. Terry, que dá aulas de dança na Universidade da Califórnia, nos EUA, alia teatro, música, dança e arte performática em suas apresentações. Ele é influ-

enciado por manifestações do folclore de sociedades longínquas, do Japão à Etiópia (onde as axilas são utilizadas como instrumentos sonoros). Terry é reconhecido por sua habilidade em unir talentos nos espetáculos que promove, parindo uma sonoridade completamente inovadora. A divulgação do Kecak – dança balinesa acompanhada por um complexo coral masculino que simulam o barulho de uma floresta de macacos – foi o trabalho que mais rendeu elogios ao músico.



O gumboot foi desenvolvido pelos trabalhadores, aglutinando elementos de movimentos da tribo Zulu com influências de passos ocidentais.

A dança *gumboot* é mais uma manifestação antropológica de sonoridade extraída dos membros superiores e inferiores do homem. Criada no sufocante e opressor ambiente das minas de ouro da África do Sul dos anos de *apartheid*, o *gumboot* foi desenvolvido pelos trabalhadores nos raros momentos de descanso, aglutinando elementos de movimentos da tribo Zulu com influências de passos ocidentais. Rapidamente foi incorporado à vida social dos bairros negros. As galochas faziam parte do uniforme de trabalho fornecido àquelas pessoas que trabalhavam em regime de semi-escravidão. Como elas eram proibidas de falar em serviço, desenvolveram um sistema de comunicação eficiente baseado no bater das botas e no esfregar das algemas para mandar mensagens uns aos outros. Assim estava sendo lançada a essência de uma nova forma de expressão. Extremamente física, a dança é uma experiência catártica que celebra o corpo humano como instrumento, o que serviu também como metáfora para a condição de vida da maior parte dos sul-africanos no *apartheid*.

A boca como instrumento

Existem grupos vocais que exploram o potencial da voz, reproduzindo fielmente os sons de instrumentos musicais. São bandas que tocam músicas no estilo *pop*, por exemplo, sem utilizar nada além da voz. Baixo, guitarra, bateria e teclados compõem o *show* sem estarem presentes no palco. Os sons saem, incrivelmente, das bocas dos integrantes dos grupos. Um dos seguidores deste estilo é o grupo carioca Bombando, que se formou em 2000. Este foi o primeiro grupo vocal à capela brasileiro e causa, até hoje, estranheza no público. "A fidelidade ao som é tão alta que há quem não consiga acreditar quando no *show* explicamos que não estamos usando instrumentos. Mas é o que acontece: o som de uma banda inteira vem somente de nossas bocas", afirma um dos integrantes.

Andrew Chaikin, um dos maiores percussionistas vocais do mundo, define a arte que faz da seguinte maneira. "Percussão vocal é a arte de criar ritmo com sua voz, sua boca e garganta, com sua língua



Ed Motta em ação: experimentando novas possibilidades de sonoridade da língua

e lábios, seus dentes, seu diafragma e seu nariz. A percussão vocal pode ser usada em qualquer estilo musical: pode ser rock, funk, jazz, samba, salsa...", explica Chaikin.

O ato de cantar está intimamente ligado a diversas funções do corpo. A respiração, a postura corporal correta, o alinhamento do pescoço com a coluna vertebral e o relaxamento dos músculos e das articulações são características que determinam a qualidade na emissão. Entretanto, a questão gestual só passou a receber alguma atenção dos musicólogos recentemente. O gesto musical deve ser entendido não apenas como ação, mas como uma ação dotada de significação especial. Nestes casos não se aplica a relação direta do corpo como o objeto absoluto que produz a música. O instrumento aparece como o mediador desta relação, mas, ainda assim, a importância dos gestos do pianista, ou do violonista, é fundamental para o resultado final de uma performance. Outro exemplo da influência do gestual na música é a presença do regente à frente da orquestra. O ritmo e o tamanho do gesto do maestro controlam o tempo e o volume do som.

Ed Motta também utiliza seu talento vocal para imitar instrumentos ou emitir sons ininteligíveis, mas ricos em musicalidade. Multi-instrumentista, o músico busca fugir do que classifica como "ditadura da letra" na música. Para o compositor, o campo musical é muito fértil para se prender aos formalismos da língua. Neste caminho, ele lançou, em 2002, *Dwitza*, seu disco mais experimental, que, mesmo em suas faixas cantadas, quase não apresenta letras.

